

# A ANALOGIA NO SÉCULO IV E EM GRAMÁTICAS DE PORTUGUÊS DO SÉCULO XVI AO XIX

---

**Antonio Carlos Silva de Carvalho\***

**Resumo:** O escopo deste artigo é discorrer sobre como gramáticos latinos de origem africana (século IV) lidaram com a analogia e como essas fontes serviram a alguns dos primeiros gramáticos lusófonos. Em uma visão panorâmica, destacamos autores africanos, Carísio e Diomedes; lusos, Fernão de Oliveira e Jerônimo S. Barbosa; e brasileiros, Frei Caneca e Maximino Maciel. Comentamos trechos das obras e apontamos o paulatino apagamento da analogia na gramática, iniciado por latinos e intensificado com a formação das línguas românicas, carentes de metalingua apropriada às suas necessidades didáticas.

**Palavras-chave:** Gramáticos latinos (século IV). Gramáticos lusófonos (do século XVI ao XIX). Sentido.

## INTRODUÇÃO

■ **P**retendemos aqui discorrer sobre como retóricos e gramáticos latinos de origem africana, do século IV, lidaram com a questão da analogia e sobre como essas fontes, eventualmente, foram aproveitadas por alguns dos primeiros gramáticos lusófonos. Visto tratar-se de uma abordagem panorâmica do tema, selecionamos dois autores africanos, Carísio e Diomedes, dois portugueses, Fernão de Oliveira e Jerônimo Soares Barbosa, e dois brasileiros, Frei Caneca e Maximino de Araújo Maciel.

Como metodologia, destacamos e comentamos trechos dos autores que remetem ao assunto, para posterior verificação de como se deu o paulatino processo de apagamento da analogia na gramática, iniciado com os latinos e intensificado com a formação das línguas românicas, as quais urgiam uma metalingua apropriada às novas necessidades didáticas – no nosso caso, no âmbito da lusofonia. Devido à natureza do trabalho e à sua abrangência, selecionamos um material

---

\* Universidade Cruzeiro do Sul (Unicsul) – São Paulo – SP – Brasil. *E-mail:* carloscarval@yahoo.com

limitado e, tanto quanto possível, uniforme, consoante fizemos em relação aos autores selecionados.

## GRAMÁTICOS LATINOS DE ORIGEM AFRICANA, SÉCULO IV

Conforme divisão proposta por Sandys (1915, p. 51-72), os anos que vão de 300 a 530 d.C. correspondem à terceira fase do Período Romano e evidenciam a decadência da cultura latina, ao afastarem-se do purismo da época de Cícero. Essa fase, à qual pertencem autores como Donato, Carísio, Diomedes, Sêrvio e Prisciano, espelha o esforço crescente no sentido de conservar a integridade da língua literária. Desses, Donato, cuja formatação gramatical serviu de base para todas as outras posteriores, influenciou, juntamente com Prisciano, todo o pensamento linguístico desde então, tendo sido ambos muito usados durante a Idade Média.

Em nosso trabalho, destacamos Carísio, discípulo de Donato, e Diomedes, discípulo de Carísio. Os textos de ambos foram extraídos da edição de Keil (1866).

### *Flávio Sosípater Carísio*

A segunda metade do século IV dá início à gramática e à retórica de origem africana. Carísio foi contemporâneo de Donato e um seu compilador, aliás, fez um trabalho de compilação em que se serviu de diversos autores consagrados, aos quais não poupou referências; o fragmento seguinte, do capítulo “Sobre a analogia, como diz o romano”, é um bom exemplo de como elaborou sua obra:

*Analogia é, como agrada aos gregos, “ligação dos discursos coerentes”, e ela é geral. Na verdade, o especial é o que se considera cuidado seja nas coisas seja nas doutrinas; desse modo, os gregos criaram a expressão “analogia é ligação dos discursos coerentes na fala”. A esta Aristóphanes dedicou cinco considerações, ou como julgam outros, seis: primeiro, que sejam do mesmo gênero das coisas que se procura; em seguida, do mesmo caso; depois, da mesma destinação; em quarto, do mesmo número de sílabas; também de som. Aristarco, seu discípulo, acrescentou aquele sexto, para que nunca adaptemos as coisas simples às compostas. Enquanto isso, diframos a reta razão desse assunto, contido em poucas palavras, que, por causa do exemplo, Júlio Gaio Romano expôs sob esse mesmo título para que, de tempos em tempos, concluamos, pela silente razão, o quanto a autoridade teria consagrado a si, evidentemente, tendo sido percorridos os trâmites dos nomes por cartas (KEIL, 1866, v. I, p. 116-117)<sup>1</sup>.*

De saída, Carísio referencia os gregos, fonte primeira das especulações sobre a analogia nos estudos gramaticais, conforme podemos comprovar a partir de Neves (2002, p. 50):

*A gramática surge, pois, como exposição e imposição de analogias. Assim é que analogia e, na sua contraparte, anomalia presidem ao nascimento dos estudos gramaticais, e caracterizam os dois centros da cultura helenística, Alexandria e Pérgamo, respectivamente.*

<sup>1</sup> No original: “Analogia est, ut Graecis placet, συμπλοκή λόγων ἀκολουθῶν, eaque generalis est. specialis vero est quae spectatur nunc in rebus nunc in rationibus occupata; cui Graeci modum istius modi coniderunt, ἀναλογία ἐστὶν συμπλοκή λόγων ἀκολουθῶν ἐν λέξει. huic Aristophanes quinque rationes dedit vel, ut alii putant, sex; primo ut eiusdem sint generis de quibus quaeritur, dein casus, tum exitus, quarto numeri syllabarum, item soni. sextum Aristarchus, discipulus eius, illud addidit, ne utquam simplicia compositis aptemus. cuius rei rectam rationem interim differamus, contenti paucis, quae exempli gratia Gaius Iulius Romanus sub eodem titulo exposuit, ut interdum tacente ratione quantum sibi dederit auctoritas colligamus, scilicet tramitibus nominum per litteras stratis.”

Ambas as referências dizem respeito a especulações que colocam a analogia no centro de uma contenda; de fato, Carísio fala de Aristófanes de Bizâncio (257-187 a.C.) e de Aristarco da Samotrácia (217-145 a.C.), analogistas que rebatiam as posições dos anomalistas, como Crisipo (280-207 a.C.) e Crates de Malos (século II a.C.), em torno de regras gramaticais. Aqueles, os alexandrinos – da Escola de Alexandria –, insistiam nas regras aplicáveis às formas das palavras; já estes, os estoicos – Crisipo é considerado o segundo fundador do estoicismo e Crates de Malos fundou a Escola de Pérgamo –, eram adeptos das exceções (SANDYS, 1915, p. 49-52).

Ao longo de seus mais de dois mil e quinhentos anos de existência, a analogia acolheu muitas tentativas de definição, aqui Carísio nos apresenta duas delas. Quanto à primeira, trata-se de uma definição geral, que traduzimos como “ligação dos discursos coerentes”; já a outra, específica para a gramática, que traduzimos como “ligação dos discursos coerentes na fala”, denota, por tudo que envolve o fragmento, o uso do termo no campo do que em latim é conhecido por *inclinatio* “flexão”, ou seja, a analogia está sendo considerada tanto pela questão da forma quanto pela questão da função das palavras. Falando de outro modo, podemos divisar como pano de fundo a disputa entre os partidários da anomalia, que defendem a ideia de desvio pela dessemelhança, e os partidários da analogia, que defendem o desvio pela semelhança. Claramente, os autores citados por Carísio tentam descobrir a “regularidade” dos fatos linguísticos e propiciar sua normatização.

Outro autor citado e também defensor da regularidade foi Júlio Gaio Romano, ou Júlio César (100-44 a.C.), que teria escrito sobre a analogia (cf. PEREIRA, 1989, p. 210), porém sem que os escritos tenham chegado até nós, em razão de extravio. O excerto de Carísio não deixa de ser um indício do evento.

### Diomedes

Diomedes atuou no final do século IV, tendo sido discípulo de Carísio. Escreveu uma obra que não só denota o contato com os gramáticos que discutiram e ilustraram os usos dos autores clássicos, como também revela a ascendência de Carísio, de quem foi contemporâneo. Vejamos este excerto, extraído do capítulo “Sobre as virtudes do discurso”:

*As virtudes gerais do discurso são duas: propriedade e estilo. A regra é a espécie de propriedade da conversação que os gregos chamam analogia e alguns dos nossos, proporção. A esta junta-se a brevidade, que os gregos chamam concisão; também continuidade, que aqueles chamam acentuação ou prosódia. As espécies de estilo são duas, das quais a primeira deve ser a composição, que os gregos dizem síntese; o discurso que segue é elegante e sóbrio, que aqueles nomeiam ciriologia, em que há estilo. Pela espécie de regra da conversação que chamam analogia, a reta razão da escrita se conserva, de modo que sabemos ser escrita a letra “b”, de preferência a dever ser usado “p”, quando a origem da palavra que escrevo é “b” (KEIL, 1866, v. I, p. 456)<sup>2</sup>.*

2 No original: “*Virtutes orationis generales sunt duae, proprietatis et ornatus. proprietatis est species sermonis, quam Graeci analogian vocant, quidam ex nostris proportionem. huic accedit brevis, quam Graeci syntomian vocant; item tenor, quem illi vocant tasin aut prosodian. ornatus species sunt duae, ex quibus prior debet esse compositio quam Graeci synthesin dicunt; sequens est culta et sana oratio, quam illi nominant cyriologian, in qua tropi sunt. specie regulae sermonis, quam vocant analogian, servatur recta scripturae ratio, ut sciamus scribi b littera potius utendum esse quam p, cum exordium verbi quod est per b scribo.*”

Assaz interessante esse excerto; nele, observamos Diomedes a aplicar o princípio da analogia em frentes distintas, inclusive, podemos argumentar que o autor se apresenta desempenhando dois papéis, de retórico e de gramático, na medida em que se preocupa em ensinar noções de estilo no âmbito da *performance* discursiva, ao mesmo tempo que instrui sobre ortografia, sempre seguindo no sentido da analogia.

Talvez essa situação seja reflexo das circunstâncias por que passavam os autores e, até mesmo, o latim da época. Nesse tempo, a norma gramatical há muito entrara em decadência, e a literatura, que usava o latim imperial tardio, última fase do *sermo urbanus* “falar urbano” antes da consolidação das línguas românicas, cedia cada vez mais espaço às influências populares; nesse contexto, compreende-se a intenção de preservar ou, mesmo, de resgatar a pureza da língua – e lançar mão da analogia era uma estratégia segura.

Assim como o termo teve e tem muitas definições – por sinal “A regra é a espécie de propriedade da conversação” figura como outra definição de analogia –, há vários vocábulos que são utilizados como seus sinônimos, e o fragmento apresenta dois deles: “regra” e “proporção”. Como sempre, o sentido dessas palavras aponta para a ideia de regularidade, mesmo porque, para quem almeja transmitir conhecimento, pautar-se em paradigmas tidos como seguros ajuda a alcançar o objetivo. Inclusive, fazer referência a autores considerados modelos contribui nesse sentido.

A maneira como Carísio e Diomedes se referem aos gregos e as frequentes referências à analogia são provas da influência destes sobre os latinos e da importância que o termo alcançou junto aos estudos gramaticais. Segundo Neves (2002, p. 51), “os gramáticos alexandrinos, buscando, nas formas sonoras, analogias que permitissem o estabelecimento de paradigmas, codificaram a gramática grega e lançaram o que seria o modelo da gramática ocidental tradicional”; de fato, autores como Donato, Carísio, Diomedes, Sérvio, Mário Vitorino, Prisciano, chamados retóricos e gramáticos de origem africana, foram grandes responsáveis pela transmissão da cultura greco-latina e de fontes fundamentais para os gramáticos ocidentais.

Quando falamos dessa cultura greco-latina envolvendo a analogia no âmbito dos estudos da linguagem, além dos autores já citados, falamos, no caso dos gregos, de Cleantes (331-232 a.C.), Dionísio Trácio (170-90 a.C.), Apolônio Discolo (século II d.C.) e outros; no caso dos latinos, de Hélio Estilão (150-70 a.C.), Varrão (116-27 a.C.), Cícero (106-43 a.C.) e outros (cf. CARVALHO, 2013).

Especificamente no que concerne à analogia na gramática latina, conforme Pagliaro (1930, p. 26), Hélio Estilão foi um dos primeiros a abordá-la, e Varrão, seu discípulo, considerado o primeiro gramático latino, figura como a fonte primeira de língua latina na propagação do tema. Assim, as discussões promovidas por esses autores acabam ecoando nos textos deixados por Diomedes e Carísio, preocupados que estavam em preservar a tradição e a pureza da língua latina.

## GRAMÁTICOS LUSÓFONOS, DO SÉCULO XVI AO XIX

Antes de iniciarmos as reflexões sobre os gramáticos lusófonos, convém observarmos o excerto a seguir:

*[...] parece evidente que os textos que fazem especialmente descrição lingüística ou que dela falam – a metalingüística, a metagramática, a metalexico-*

*grafia –, isto é, os documentos que registram o tratamento da linguagem e da língua pelos especialistas, bem como a análise e a crítica ao tratamento efetuado, provêm [sic] elementos altamente reveladores do modo como, em cada espaço e em cada tempo, se vê a construção da identidade nacional por via da língua materna [...] (NEVES, 2005, p. 648).*

Ao escrever o texto de onde extraímos esse fragmento, Neves (2005) está tratando do Brasil no contexto lusófono, porém, segundo nos pareceu, bem que essas palavras podem se estender a Portugal, devido à necessidade que os teóricos da linguagem tinham de estabelecer o lugar da língua portuguesa no contexto românico; assim, cremos que elas cabem com justeza onde estão colocadas.

A ciência evolui, os conceitos mudam, ideias abandonadas em outros tempos voltam com mais força e acabam por suplantar aquelas que as fizeram sucumbir, quicá, para depois tornarem a cair em esquecimento; de qualquer modo, compreender o presente exige conhecer o passado. Logo, um estudo das primeiras gramáticas portuguesas que possibilite conhecer com certa propriedade o caminho traçado por seus autores pode revelar diferenças e semelhanças entre elas e suas fontes diretas e indiretas; eis nosso propósito.

### **Fernão de Oliveira**

Conforme atesta Rodrigo de Sá Nogueira, “A Gramática de Fernão de Oliveira (1536) foi a primeira que se publicou em português; foi a primeira que se publicou do português e de um português; foi a primeira que se publicou do português e em Portugal” (OLIVEIRA, 2000, p. 17-18). Esses fatos sobre Fernão de Oliveira (1507-1581?) apontados por Sá Nogueira se nos afiguram suficientes para iniciarmos nossa breve abordagem a respeito do mundo lusófono no contexto gramatical. No que concerne ao tema, extraímos este trecho do “Capítulo. xl. Da Analogia”, edição semidiplomática:

*Assi como a diferença das dições faz conhecer as diuersas cousas hũas das outras segũdo fica dito tambẽ assi a semelhaça das dições nos abre caminho para q̃ conheçamos hũas cousas por outras segũdo q̃ tẽ alghũa semelhaça ou parecer ãtre si: e por tanto os nomes se conhecem dos verbos e os verbos cõ os nomes das outras partes: porq̃ são diferẽtes hũs dos outros e os nomes se conhecem por outros nomes: e os verbos por outros verbos porq̃ sam em alghũa cousa e voz semelhantes cada parte destas cõ as outras do seu genero: e cõ tudo não tâto q̃ não tenham alghũas meudezas diferentes ou diferências mais meudas e particulares como o nome ser comũ ou proprio: ajetiuo e substantiuo: e o verbo pessoal ou impessoal: e mais ainda cada verbo ou nome tem diuersidade em outras mais cou sas: como o nome em estados: e o verbo em modos e tempos numeros e pessoas: dos quaes numeros e pessoas o nome isso mesmo não e liure delles: e esta diferença ou semelhança a que os gregos chamão anomalia/ e analogia ensinaremos nos na nossa lingua quanto nos d’s ministrar e couber nesta peq̃na obra: porq̃ mostremos q̃ os nossos homẽs tâbẽ sabẽ falar e tẽ cõcerto em sua lingua [...] (OLIVEIRA, 2000, p. 216-217).*

Tendo em vista aquilo a que nos propomos inicialmente, destacamos esse excerto com o intuito de mostrar que, na primeira gramática lusófona, a analogia se faz presente. O fragmento traz um outro sinônimo frequentemente utilizado em substituição ao termo, qual seja, “semelhança”, também com o propósito

de apontar seu sentido de “regularidade”, em face do sentido de “irregularidade” da anomalia. Em outras palavras, a velha disputa, que se deu entre os gregos antigos e figurou na primeira gramática grega e também na primeira latina, ainda teve eco na primeira gramática de português.

Todavia, do mesmo modo que em Varrão a controvérsia aparece enfraquecida, preocupado que ele estava em sistematizar a língua latina (cf. CARVALHO, 2013), em Oliveira ela não ocorre em termos de disputa, e sim com certo desfoqueamento. A esse respeito, convém observarmos o fragmento a seguir, de Eugenio Coseriu, acerca do tema na gramática de Oliveira (2000, p. 54):

*Apesar da semelhança na maneira de encarar os problemas, parece-nos, porém, que Oliveira vai além de Varrão, pois não se limita a estabelecer analogias e anomalias do uso linguístico, mas concebe a língua também como sistema de possibilidades que, no uso concreto, se realizam com restrições [...].*

A apreciação de Coseriu é longa, permeada por comparações entre Varrão e Oliveira. Em alguns pontos, atesta que este segue os passos daquele; noutros, como nessa passagem, sugere que ele traz contribuição inovadora à controvérsia. Coseriu considera que, de certo modo, Oliveira distingue entre os níveis de estruturação de cada língua em termos de sistema e norma, daí, por exemplo, vem a afirmação de que “concebe a língua também como sistema de possibilidades que, no uso concreto, se realizam com restrições”. Segundo Coseriu, Oliveira enxerga a língua não apenas em termos de “regularidades” e “irregularidades”.

Considerando-se o fato de que o conceito de “norma” a que alude Coseriu foi introduzido nos estudos linguísticos por ele próprio (cf. DUCROT; TODOROV, 1998, p. 125-129), é escusado falar da contribuição de Oliveira no contexto lusófono no que concerne à analogia.

### **Jerônimo Soares Barbosa**

Jerônimo Soares Barbosa (1737-1816) teve sua *Grammatica philosophica da lingua portugueza* publicada em 1822. Em sua “Introdução”, quando se põe a discorrer sobre os tipos de gramática, menciona os termos analogia e anomalia, argumentando que muitas vezes onde uns veem anomalias, o que existe são analogias (BARBOSA, 1822, p. IX-X); todavia, embora pareça tender para o lado dos analogistas, o autor português não traz a disputa para seu texto – por exemplo, menciona os gregos e os romanos ao abordar a “proporção” e as “desigualdades” entre as sílabas longas e breves, mas o faz de forma amena (BARBOSA, 1822, p. 29-30), sugerindo afastamento ainda maior em relação ao assunto do que o demonstrado por Oliveira. Observemos estes excertos de Barbosa (1822, p. 349):

*Todas estas proposições, quer simples, quer compostas, quer incomplexas, quer complexas, huma vez que se combinem e ajuntem para fazerem todas hum sentido total; tem necessariamente relações naturaes entre si, as quaes são marcadas pelas conjunções. Ora estas relações, geralmente falando, são de dous modos, ou de Nexo somente, ou de Nexo e Ordem ao mesmo tempo. A's conjunções, que exprimem as primeiras, chamo eu Homologas, ou Similares, porque estão humas para as outras na mesma rasão; e ás que exprimem as segundas, dou o nome de Anhomologas, ou Dissimilares; porque estão humas para as outras em rasão diferente, como passamos a vêr.*

As páginas que se seguem a esse fragmento são muitas, assim, comentaremos muito resumidamente seu conteúdo. Como vemos, o que seriam os termos da contenda, “similar” e “dissimilar” – termos que muitas vezes são usados como sinônimos de “análogo” e “anômalo” em se tratando de gramática (CARVALHO, 2013, p. 1246) –, está aí, porém, sem relação com a controvérsia. Barbosa aplica os termos para explicar a divisão que propõe para os tipos de conjunção, denominando “homólogas” ou “similares” aquelas que ligam proposições que se encontram na mesma razão umas com as outras, como as copulativas e disjuntivas; por outro lado, denomina “não homólogas” ou “dissimilares” as que ligam proposições que não se encontram na mesma razão entre si, como as adversativas e as condicionais.

Evidentemente, haveria muito a se comentar acerca dessas colocações, sobretudo se nos propuséssemos a discutir as várias outras conjunções dispostas pelo autor como sendo de um ou de outro tipo, o que extrapola nosso interesse aqui, contudo é fato que Barbosa passa ao largo das discussões clássicas sobre a disputa entre os estoicos e os alexandrinos. Em outras palavras, também para os portugueses, a contenda não conserva sua antiga importância.

## FREI CANECA

Joaquim do Amor Divino Rabelo e Caneca, mais conhecido como Frei Caneca, nasceu em 20 de agosto de 1779, no bairro de Fora-de-Portas, em Recife, e morreu em 13 de janeiro de 1825, na mesma cidade. Sua gramática é pedagógica e prescritiva, limita-se a seguir os que o antecederam e utiliza linguagem fácil e acessível. Caneca foi muito influenciado por Soares Barbosa – a quem cita textualmente (cf. CANECA, 1972, p. 62); essa influência pode ser observada nas definições que apresenta de gramática: “Grammatica é a arte de reduzir á regras os principios comuns a todas as linguas” (p. 25); “Grammatica portugueza é a arte que ensina a fallar, ler e escrever correctamente a lingua portugueza” (p. 27) – distinção entre gramática geral e particular –, que são adaptações das definições encontráveis em Barbosa (1822, p. IX e 1, respectivamente).

Seguindo seu objetivo de facilitar ao máximo o conteúdo a ser ministrado, adaptando-o à capacidade dos alunos, claro está que o autor não tem interesse em entrar em discussões sobre a origem da linguagem ou outras, assim, novamente a contenda não vem à tona. O que trouxemos da gramática de Caneca para as nossas considerações sobre a analogia foi um resquício que sobrou da contenda, e que não era sentido como tal para ele, como não é sentido para os gramáticos de hoje; vejamos:

*Os verbos, considerados segundo ás suas propriedades, dividem-se em regular e irregular ou anomalo.*

*Verbo regular é o que segue alguma das conjugações.*

*Verbo irregular ou anomalo é o que não segue-as em tudo. [...]*

*Verbo defectivo é o que precisa de algumas vozes, e por isso só se usa nas terceiras pessoas, v. g: chove.*

*Conjugação é a variação de terminação, que modifica a significação dos verbos por modos, tempos, pessoas e numeros.*

*Divide-se em regular e irregular.*

Conjugação regular é *aquella, cuja variação segue uma ordem determinada.*

Conjugação irregular é *aquella, cuja variação segue uma ordem indeterminada [...] (CANECA, 1972, p. 33).*

Em Caneca, a antiga disputa não tem lugar. O que observamos são vestígios que dela sobraram. A ideia de regularidade e irregularidade aparece meramente de forma descritiva: é assim porque é. A palavra analogia, centro da disputa, aparece na forma de seu sinônimo; já o outro termo do binômio, a anomalia, aparece na forma de um adjetivo cognato. Curiosamente, como em Caneca, hoje nós temos em nossas gramáticas “verbos anômalos”, mas não temos “verbos análogos”.

### **Maximino Maciel**

Maximino de Araújo Maciel (1866-1923) nasceu em Sergipe e faleceu na cidade do Rio de Janeiro. Publicou a primeira versão de sua gramática, *Grammatica analytica*, em 1887, a qual foi reelaborada muitas vezes e, logo na segunda edição, de 1894, teve seu título modificado para *Grammatica descriptiva*, aliás, Maximino considera tratar-se de uma outra gramática. Vejamos esta passagem sobre o autor:

*[...] foi observador das modelações das novas instituições e da entrada do país na modernidade, seu texto, portanto, é resultado de um tempo que ele testemunhou e do qual participou ativamente como gramático, contribuindo com sua produção para os estudos do Português no Brasil. Foi professor do Colégio Militar, como catedrático de Português, tendo influenciado o ensino de Língua Portuguesa no Brasil, defendendo a posição intelectual de busca de caracterizar o Brasil como distanciado de Portugal (BASTOS; PALMA, 2006, p. 69-70).*

Segundo nos parece, pensando em termos do Brasil no contexto da lusofonia, esse excerto coloca Maciel em posição de destaque, pois sugere que o autor estava empenhado em ajudar a estabelecer nossa identidade linguística em face de Portugal. No que tange à analogia, a gramática apresenta frequentes referências ao termo, mas nada que aponte no sentido da contenda. Observemos esta ocorrência, que trata sobre “A metaphora” (energia potencial):

*Diz-se metaphora a dilatação ou translação do sentido proprio e legitimo da palavra para outro, graças á analogia, á similhaça entre ambos.*

*Assim é que se dizem pé de cadeira, perna de compasso, barriga de parede, braço de rio, raiz de palavra e de numero, coração duro, joeirar factos, pesar palavras, idéas rubras, riso amarello.*

*Prestam-se frequentemente á metaphora ou translação a maior parte das palavras referentes aos orgams dos animaes, ex.: cabeça de alfinete, – comarca, – prego, – nabo, – cebola, etc.; bôca de scena, – de fogo, – peça, – navio, – de rio, – da noite, – do matto, etc.*

*Olhos de queijo, – d’agua, – de planta; pescoço de vaso; garganta de montanha; ouvido de espingarda, – peça, etc.; veia da madeira; ventre de autos, – columna, – barril; dente de alhos, etc.*

*A palavra flor, no seu sentido natural, é termo de Botânica; mas graças á energia potencial da sua significação, á amplitude do seu sentido, se estende a exprimir conceitos analogicos, accepções outras, ex.: flor de enxofre, – dos annos, – da idade, da farinha: “a flor (a nata, o escol) doas mancebos do logar”, á flor de...= á superficie = ao nivel = á tona de...*

*Assim pois o vocabulo flor está apto a desempenhar quaesquer destas funcções semanticas, latentes no seu sentido, conforme a phrase, ex.: “Os esquadões arabes eram a flor (a nata, o escol, a parte mais nobre, mais bella, melhor) do exercito de Tárík”. A. Herculano, Eurico (MACIEL, 1931, p. 478-479).*

Passagem assaz interessante, pois ilustra a analogia sendo utilizada sob perspectiva totalmente diversa do que vimos até agora, na medida em que é aplicada num campo da semiologia que diz respeito às figuras de linguagem, portanto no âmbito da retórica ou, mais modernamente, no âmbito da estilística. A esse respeito, diga-se, Maciel (1931, p. 467) afirma ser ele o primeiro a dar corpo de doutrina aos estudos de semiologia, a qual divide em semântica e tropologia.

Não fizemos uma pesquisa junto às demais gramáticas com vistas a verificar quem teria sido o autor que pela primeira vez discutiu a analogia como base das figuras de linguagem, por isso, limitamo-nos a registrar a passagem de Maciel e a dizer que, conforme temos observado, é nesse campo que hodiernamente ela tem sido considerada. De qualquer modo, está claro que a associação é perfeitamente aceitável, pois, sendo a metáfora um símile comprimido ou uma comparação elíptica, é evidente que ela se dá a partir de uma relação analógica, e, como para certos autores a metáfora está na base de todas as figuras de linguagem, a afirmação de Maciel está bem amparada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos dos problemas linguísticos que inquietaram os antigos ressurgem com outra roupagem, logo, é importante ter em mente que os processos vão sendo pensados e repensados ao longo do tempo, que as gramáticas são corpos vivos, adaptáveis às necessidades dos vários grupos de falantes e dos indivíduos em particular, sofrendo modificações que lhes legitimam como conjunto de normas disponíveis nas diferentes situações discursivas, conquanto não necessariamente claras aos olhos dos falantes.

Aos gramáticos latinos da Idade Média, pode-se dizer, coube o papel primordial de garantir que a cultura clássica não se perdesse, legando-a aos neolatinos. Para os gramáticos portugueses e brasileiros, representantes do espaço lusófono que destacamos, era natural que o binômio analogia/anomalia fosse pouco presente em sua formulação gramatical, menos porque lhes cabia papel semelhante ao que coube a Varrão, por exemplo, e mais porque o português é uma língua analítica, com estrutura bem diferente das línguas grega e latina, que são sintéticas, têm declinação, fato que se mostrou determinante para o gradual ostracismo que sofreu. Muito presente na gramática greco-latina, o binômio analogia/anomalia foi perdendo espaço para outros questionamentos linguísticos, inclusive, tendo seus papéis invertidos, visto que a analogia tem sido deslocada para a estilística, saindo da gramática, ao passo que a anomalia está muito em voga, a partir dos estudos da linguagem falada.

## ANALOGY IN THE 4TH CENTURY AND IN PORTUGUESE GRAMMARS OF THE 16TH THROUGH THE 19TH CENTURIES

**Abstract:** This article discusses how 4th-century Latin grammarians of African descent dealt with analogy, and how these sources aided some of the early Lusophone grammarians. In this overview, we have selected African authors, Carísio and Diomedes; Portuguese, Fernão Oliveira and Jerônimo Barbosa; and Brazilian, Caneca and Maximino Maciel. We comment on excerpts of their works and point out the gradual erasure of analogy in grammar, initiated by Latin grammarians and intensified with the formation of the Romance languages, which lacked appropriate metalanguage to their educational needs.

**Keywords:** 4th-century Latin grammarians. Lusophone grammarians of the 16th through the 19th centuries. Sense.

### REFERÊNCIAS

- BARBOSA, J. S. *Grammatica philosophica da lingua portugueza, ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem*. Lisboa: Typographia da Academia das Sciencias, 1822. 458 p.
- BASTOS, N. B.; PALMA, D. V. (Org.). *História entrelaçada 2: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa na primeira metade do século XX*. São Paulo: IP-PUC; Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. 168 p.
- CANECA, J. do A. D. (Frei). *Breve compendio de grammatica portugueza – organizado em forma systematica, com adaptação a capacidade dos alumnos*. Organização de Antônio Joaquim de Melo. Recife: Typographia Mercantil. Assembléia Legislativa de Pernambuco, 1972. Primeira edição publicada em 1876.
- CARVALHO, A. C. S. O conceito de analogia sob a ótica de Marco Terêncio Varrão. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 1244-1253, set./dez. 2013.
- DUCROT, O.; TODOROV, T. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. Tradução Alice K. Miyashiro et al. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. 339 p.
- KEIL, H. (Ed.). *Grammatici latini*. Lipsiae: Aedibvs B. G. Tevbneri, 1866. 8 v.
- MACIEL, M. de A. *Grammatica descriptiva – baseada nas doutrinas modernas*. 1º milheiro da 12ª edição, aumentada e refundida. Rio de Janeiro: Typ. Central, 1931. 498 p.
- NEVES, M. H. de M. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. 2. reimp. São Paulo: Editora Unesp, 2002. 282 p.
- NEVES, M. H. de M. *O Brasil no contexto da construção de uma lingüística no mundo lusófono*. São Paulo: UPMackenzie, Unesp-CNPq, 2005. p. 643-655. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4594.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2015.
- OLIVEIRA, F. de. *Gramática da linguagem portuguesa (1536)*. Edição crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção com um estudo introdutório do prof. Eugenio Coseriu. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 2000. 339 p.

PAGLIARO, A. *Sommario di linguistica arioeuropea*. Roma: “L’Universale” Tipografia Poliglotta, 1930. v. I, 196 p.

PEREIRA, M. H. da R. *Estudos de história da cultura clássica: cultura latina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989. v. II, 558 p.

SANDYS, J. E. *A short history of classical scholarship – from the sixth century B. C. to present day*. Cambridge: University Press, 1915. 455 p.

Recebido em dezembro de 2015.

Aprovado em fevereiro de 2016.